

# O PROGRESSO

PUBLICA-SE NAS TERÇAS E SEXTAS.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da redacção na Rua do Souto n.º 10. — Correspondencias de interesse particular e annuncios por linha 30 réis: para os sars. assignantes 25 rs. — Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção do jornal franca de porte. Preço da assignatura: (sem estampilha) por trimestre 600 réis — (com estampilha) 750 réis: para o Brazil, por navio de vela 750 réis.

NUMERO 88

TERÇA FEIRA 17 DE NOVEMBRO

DE 1863

## BRAGA 17 DE NOVEMBRO

E já do dominio publico a lista que o partido que deseja os melhoramentos e engrandecimento de Braga apresenta aos habitantes d'este municipio, para a eleição da futura camara.

Eis ali os homens que merecem a sua confiança e em quem encontra solidas garantias d'uma boa e esperançosa administração.

Temos a consciencia de que é uma escolha acertada: estamos certos de que a sua eleição será um grande passo para a prosperidade d'este municipio. Não nos cega a paixão de partido: animados, domina-nos o desejo vivo de por-mos á testa do municipio caracteres honestos, probos, independentes e de quem haja a esperar os melhoramentos de que esta cidade tanto carece.

E não encerramos todos os caracteres as qualidades que mais são para desejar n'uma camara municipal?

Quem poderá duvidar da sua honra e da sua probidade, da sua independencia e do seu reconhecido amor pelo engrandecimento d'esta terra? São todos nomes bem conhecidos.

Alguns entram pela primeira vez na vida publica: ambicionarão por isso en-cetala dignamente, correspondendo á esperanca que n'elles depositam os habitantes d'esta cidade, costumados a vel-os sempre á testa das grandes emprezas, dos grandes melhoramentos, prom-

ptos a prestarem os seus capitales para a realização das obras mais uteis e as mais importantes.

Outros fizeram já por vezes parte de outras camaras, cujas administrações marcam as epochas mais notaveis dos melhoramentos e engrandecimento d'este municipio.

Será pois uma camara de que temos a esperar tudo, e que nos offerece incomparavelmente mais solidas garantias de uma boa administração, do que a camara actual. A camara actual!!! Pois com que direito vem a camara actual pedir ao municipio a sua reeleição? Quaes são os titulos que apresenta em seu favor? Serão os melhoramentos materiaes? Não fez nenhuns: não ha durante a sua administração uma obra só d'iniciativa sua. Viu o estado miseravel em que se acham as ruas, e cruzou os braços. Viu importantes melhoramentos que todos reclamam e votou-se á inercia. Fallar-nos-ha no acabamento dos paços municipaes? Foi iniciativa das camaras transactas: encontrou nos cofres os dinheiros applicados para essa obra: não fez mais que administrá-la. Fallar-nos-ha na estrada do Bom Jesus? Também não é sua a iniciativa. O que é seu é o entorpecimento que continuamente tem posto a uma obra da mais reconhecida necessidade; o que lhe pertence é a morosidade de obra: são os mil estorvos, os erros, os caprichos, os favores, os compadrios que tem presidido

a confecção de uma estrada que devendo ser a mais formosa e a mais bem trahida, é a mais vergonhosa e mais ridicula e mais defeituosa de todas as estradas possíveis! Isto é que é seu. Será o passeio do Campo de Sant'Anna? E' ao snr. governador civil a quem se deve o estado em que elle se acha. A camara o que se deve são despezas enormes com aterros feitos hoje e desfeitos amanhã; com obras começadas e logo desfeitas. Será a administração municipal? Onde estão as contas para o municipio saber em que se tem consumido os dinheiros publicos? Onde estão os balancetes? Onde estão os documentos das fiscalizações de camara? Em parte nenhuma. Do que o municipio tem documentos é de inercia; dos desacertos; dos desperdícios.

Não fallariamos n'isto, se nos não provocassem. Não fallariamos n'isto se o Districto nos não viesse ha dias apresentar a camara actual, como a unica camara possível e a unica que devia merecer a confiança do municipio.

Se a camara actual tivesse a consciencia de ter cumprido os seus deveres, não precisaria d'empregar os meios de que está lançando mão para a sua eleição. Não faria propalar os boatos de que a camara que os amigos do governo querem eleger, aumentará os tributos municipaes; elevará o preço das carnes; exigirá novos direitos ás regateiras, aos creados, a tudo.

É um procedimento infame: é uma calumnia revoltante. Pois o que é que os auctorisa a descreditar os homens que apresentamos como candidatos?

Qual é o acto na sua vida publica que lhes póde roubar a confiança do municipio?

Não acredite o povo n'esses boatos que por ali se andam a espalhar, porque não tem fundamento algum. No que o povo póde arreditar é que se eleger os cavalleiros que nós defendemos terá uma camara zelosa pelo engrandecimento do municipio, amante dos melhoramentos, incansavel pelos interesses municipaes.

Aconselhamos-lha porque intendemos fazer n'isso um serviço ao municipio. Mas não forcamos ninguém. Daqui não ha nem ameaças nem violencias. Se os orgãos da opposição querem juntar mais essa calumnia ás muitas que tractam de propalar, é porque lhes são indifferentes todos os meios, uma vez que se consigam os fins. Violencias commete-as a opposição. Violencia é querer levar o povo á urna proclamando não os serviços preetados ao municipio, porque os não ha, mas o augmento de imaginarias contribuições se for eleita a camara governamental. Violencia é procurar afastar da urna os amigos da situação calumniando vil e covardemente os caracteres honestos e probos do candidatos progressistas.

Violencia é abusarem os actuaes ve-

## FOLHETIM

### VIRTUDE E VICIO

(Continuação.)

#### CAPITULO XVI

O leitor está-me accusando! o seu espirito sceptico, imbuido pelas pessimas doutrinas deste seculo, não póde conceber, que um marido, ao quarto mez de casado, ajoelhe aos pés de sua mulher a implorar-lhe um sorriso!

Quem nunca conheceu o amor, e o amor como o sentia Ricardo, recompensado apenas com estima, que gela, tortura, mas não apaga os ardores da alma; não leia aquelle capitulo, não leia este, e não leia os que se lhe hão de seguir, porque os não saberá comprehender. O amor é caprichoso, exquisito, pertinaz; é finalmente a coisa mais excepcional do mundo; recompensado, esfria; desprezado recrudescer e atea-se. A centelha póde tornar-se um vulcão, se ao acender-se encontra o gelo do aço!

Foi o que se deu com Ricardo; havia muito tempo que estimava Candida, mas há um anno que a amava perdida, louco. justamente desde aquelle momento, em que adenzella lho disse, que era indispensavel uma separação entre elles.

O amor, que não é experimentado com ciume, pezares e lagrimas, não é amor, é simples es-

tima! O que sahir d'estas provas mais intenso, mais vivo, mais ardente, é a paixão irresistivel, eterna e indomavel: o que succumbir não é, não foi, nunca póde ser amor!

Ricardo achou a frieza da amizade em Candida; reagiu contra aquelle obstaculo, convencido de que mais tarde, ou mais cedo não deixaria de ser partilhado aquelle fogo que elle só sentia.

Candida, tendo interrogado o seu coração, achou n'elle apenas a estima de irmã para offerecer a Ricardo; antes, porem, de lho confessar, esgotou todos os meios imaginarios para diminuir aquelle amor; creou mesmo obstaculos maiores, aos quaes via que a familia não resistia, para os dissuadir d'aquella união. Como ella tinha supposto, a familia cedeu, vendendo enorme desfalque que fazia na fortuna para dar aos pobres; mas Ricardo consumia-se n'uma paixão indestruetivel, e com a pertinacia fatal do desgraçado que se lança no abysmo, corria para o infortunio com o sorriso nos labios!

Candida buscou os meios mais persuasivos para o convencer; mostrou-lhe a indisposição da sua familia, que a chamavam a ella dissipada e louca; a pouca fortuna que já possuía, e que fizera voto de distribuir aos pobres; a opinião da sociedade, que não deixaria de a condemnar: Ricardo, surdo a estas razões, respondia com estas palavras:

— Sem nada te quero; não me importa a estima, ou odito de minha familia, desprezo a opinião publica: em quanto não esmagares com

o pé este coração que só por ti palpita, viverá eterno este amor! Despreza-me, repelle-me de ti, mas não opponhas essas frivolas razões; posso morrer, posso estalar de dôr a teus pés, mas não te deixarei em: quanto me não disse-res — affasta-te, que me importunas. —

Candida não tinha coragem de repellar o mancebo, ao passo que se sentia com o heroismo sufficiente de se sacrificar por elle.

— Não será um crime — dizia ella — enganar-o com apparencias de amor, quando só simples affecto de irmã lhe posso tributar? Contentar-se-ha elle com isto, ou exigirá de sua esposa o coração, que eu sinto que não é d'elle?!

Fazendo estas tristes reflexões, Candida dispoz-se a confessar todas as suas duvidas, todos os seus receios a Ricardo: o mancebo respondeu:

Tu dizes que a ninguem amas mais do que a mim; isto quer dizer, que entro no teu coração com a maior parte de affecto que por qualquer homem podes sentir. Isto me basta, Candida, o meu amor fará o resto; não se póde estar em contacto com o fogo por algum tempo, sem lhe sentir o calor. O gelo tambem se funde aos raios do sol, o marmore não é tão inacessivel, que a mão do homem lhe não imprima as imagens de sua phantasia artistica?!

Já não era possível a Candida a lucta; resistir contra uma grande força, era querer vel-a quebrada, partida e aniquillada sem remedio! Candida sondou o coração do mancebo, e não póde conhecer-lhe a profun-

didade do amor! era um abysmo immenso onde se perdiam as primeiras raizes d'aquelle affecto! Sem hesitar, escolheu para si o papel de victima, e cobrindo os olhos, deixou-se guiar ao altar do sacrificio! Eis a historia d'aquelle casamento, a origem d'aquellas lagrimas do capitulo precedente!

Ricardo para effectuar uma união, que outrora fóra a mira dos ambiciosos calculos da sua familia, teve de reagir contra a vontade paterna, e empurrar com o pé os obstaculos que lhe oppunham como barreira de separação. Era mais uma prova de affecto a que Candida não póde ser insensivel.

Nos primeiros tempos devoraram muitos insultos, muitas grosserias de sua familia; depois Pacheco perdoou a seu filho, restituiu-lhe a sua affeição e quarenta mil cruzados em arrhas. D. Anna é que nunca perdoou, porque alem de não ter sido nunca muito affeccionada a Candida, tinha voltado suas vistas para uma sobrinha, e elegera-a esposa de seu filho, logo que Candida renunciara aquella união, declarando que queria tomar o yeu em um mosteiro. A vingança jurada no intimo de sua alma, pela desobediencia de seu filho, devia um dia forçosamente cahir sobre a mulher d'este.

D. Anna premeditava um desforço digno do genio altivo e indomavel que nutria! Po-bre Candida; não adivinhas que projecto infernal se aninha sob os traidores affagos d'essa que chamas tua mãe!...

(Continua)

HENRIQUETA ELIZA.

readores da sua posição da sua influencia como camaristas, para levarem á urna os seus administrados.

Violencia é prometter aos electores fontes, obras desejadas, melhoramentos importantes, mas só agora que a administração está a findar, mas só agora que é necessario grangear as sympathias publicas para conseguirem os votos dos electores.

Violencia é querer desacreditar os actos os mais gloriosos, os mais uteis da auctoridade superior do districto é querer condemnar esse grande passo que fez dar no caminho da civilização e do progresso, inspirando o amor ao trabalho, o aperfeiçoamento das artes e das industrias, dizendo e fazendo acreditar ao povo que tudo foram manejos politicos só com a mira nas eleições da camara.

Tudo isto é que são violencias, tudo isto é que prova fraqueza, consciencia de não ter cumprido os deveres, de ter faltado ás obrigações do mandato que tão erradamente lhe foi conferido.

D'aqui não se calumnia nem injuria ninguém. D'aqui combate-se a camara actual porque não fez nada, porque tracta só de si e dos seus amigos, afilhados e parentes e vota ao desprezo os interesses do municipio. É a razão porque se combate a reeleição.

Medite pois o povo em quanto é tempo. O dia da eleição está proximo. A reeleição da camara será a morte para os melhoramentos d'este municipio.

### Lisboa 9 de Novembro

(Do nosso correspondente)

Estão feitas as eleições municipaes. Nos quatro bairros de Lisboa virgaram as listas progressistas, bem como nos concelhos de Belem e Olivaeas. A opposição prestou mais um de serviço ao paiz fazendo á força a eleição municipal, pelo menos em Lisboa uma eleição politica. Isto é para lamentar, porque se assim não fóra, os electores teriam talvez escolhido quem mais competentemente administrasse o municipio de Lisboa. A camara ficou composta de honradissimos cavalheiros, mas é forçoso confessar que muitos d'elles não teem competencia para as altas funções que a urna lhes conferiu. Foi porém uma necessidade do partido progressista fazer eleger os individuos que menos pensadamente foram escolhidos para não dar força aos candidatos que a opposição propoz com caracter definitivamente politico, não só pelos nomes dos propostos, mas muito mais ainda pelos dos individuos que assignaram as cartas de remessa de taes listas, que eram nem mais nem menos de que os srs. Joaquim Antonio d'Aguiar, Antonio Maria Fontes Pereira de Mello e Antonio Rodrigues Sampaio. Diz-se que a culpa de se tornar politica a eleição da camara municipal de Lisboa, foi da opposição; porque é coisa geralmente sabida que o governo não influia directa nem indirectamente n'ella; e se a opposição não a tomasse tanto a peito e não formasse uma comissão composta dos seus mais conhecidos eneraes—os electores escolheriam á vontade os individuos mais aptos e habilitados para os cargos da veriação.

Foi tambem este passo inconveniente para o municipio, que lhe fez mais mal, e que mais inconveniente foi para o seu plano.

A opposição já devia saber quão poucas sympathias gosa em Lisboa, e que

quanto mais directamente quer influir n'uma eleição, quanto mais avessa ella lhe sae. Deviam pensar mais no resultado da celebre eleição de deputados em que o sr. Fontes, sendo ministro do reino, se propoz pelo circulo mais illustrado da capital, para ter o desgosto de ser supplantado, pelo honesto, mas modesto cidadão Chaves. É mau esquecerem as boas lições!

Dos cavalheiros que compunham a lista progressista pelo concelho de Belem, sei, que muitos d'elles são respeitáveis, e entre elles o sr. João Antonio de Souza, actual presidente da camara e deputado pelo circulo de Loulé, a quem o concelho de Belem deve não poucos melhoramentos.

Na lista que julgo ter vingado no concelho dos Olivaeas, ha tambem um nome respeitavel e respeitado pelos seus serviços ao paiz, como empregado de fazenda, pela sua honestidade e honradiz, e pela vasta intelligencia e conhecimentos que possui. Fallo do sr. Sebastião José Pedroso chefe da 2.ª repartição de Contabilidade no ministerio da Fazenda.

—Parece que o logar de contador da Junta do credito publico, será dado ao sr. Seabra.

—O sr. Castilho, que foi secretario geral n'esse districto, está nomeado 1.º official do ministerio do reino por decreto datado de 5 do corrente. Foi uma começão boa, apesar de que dizem os despeitados, burocratas d'ancien regime, que não adduzem em favor da sua justiça mais documento algum do que o que comprova a sua antiguidade. O sr. Castilho é um mancebo intelligente, muito habil no exercicio do seu emprego, e que além d'isso, é novo no serviço, porque tem exercido muitos logares importantes da dependencia mesmo d'aquelle ministerio.

—A opposição espalha, que ha crise ministerial, mas ninguém ve symptomas de tal crise. Imaginaram que por estar deante um membro do gabinete, a situação devia tremer; e imaginando esta deliciosa supposição, que lhes deixa entrever o momento de empolgar as desejadas pastas; eil-a a fazer circular que a situação vacila. Desmintio positivamente o boato: a situação está firme, firmissima, e o sr. ministro das justias não sahio do ministerio, foi substituido em quanto durar a sua doença; se depois de restabelecido, fór exonerado é porque El-Rei lhe concede a exoneração, que s. exc.ª ha muito deseja, por que a sua idade e saude lhe não permitem tão aturados trabalhos. Nada mais corrente e mais natural: misérias, de quem não tem ontra teia d'aranhá a que se agarre, são estes boatos de crise que a opposição prepara. Crise se existe é na opposição, que, constituída d'elementos completamente heterio genios, dá todos os dias o espectáculo da divisão e falta de accordo. São os exemplos de casa que lhe fazem suppor o mesmo do lado contrario. Quem mal não usa, mal não cuida.

—S.S. M.M. partem antes do dia 18 para Braga. Não lhe noticia os preparativos que os jornaes do Porto annunciam que se estão fazendo n'aquella cidade, porque já lá deve ter conhecimento d'elles. É geralmente elogiado em Lisboa o entusiasmo com que os cidadãos e os bracarenses preparam recepções brilhantes ao bondoso monarcha que tanto presa o bem do po-

vo e os melhoramentos do paiz. A sua viagem ao norte do Reino é bem clara prova do apreço em que elle tem as industrias e artes portuguezas, e a maneira porque hade ser recebido, demonstra bem que o paiz faz ao rei a justiça que elle merece.

### PARTE OFFICIAL

Diario de Lisboa de 2 de novembro.

#### MINISTERIO DO REINO.

Felicitação da camara municipal de Lisboa, dirigida a S. M. El-Rei o sr. D. Luiz I e S. M. El-Rei D. Fernando II, por occasião dos seus anniversarios natalicios.

#### MINISTERIO DAS OBRAS PUBLICAS COMMERCIO E INDUSTRIA

Portaria de 30 do mez findo, acerca da expropriação feita á companhia das agoas da capital, e ordenada por decreto de 8 do mez de outubro passado.

Um officio dos directores da citada companhia sobre o mesmo assumpto.

Mapa demonstrativo das obras effectuadas nas estradas dos diversos districtos do reino, durante o segundo trimestre de 1863, e em que se indicam as pontes e o comprimento dos lanços construidos anteriormente a este periodo.

#### NOTICIARIO

**Será verdade?!—**Contaram-nos que o sr. deputado e presidente da camara, Francisco Manoel da Costa, fóra ha dias ahi para os lados de S. Victor chorar com lagrimas de verdadeiro arrependimento o quanto se havia descuidado do bem estar d'aquelle bairro artistico, a ponto de quasi o ter deixado morrer á sede, por falta de fonte publica. E que o seu arrependimento era sincero, não ha que duvidar; pois para prova levava já uma bem elaborada representação feita por elle presidente, sollicitando uma bica de agoa em nome dos moradores e electores. A representação ainda que não passava de uma folha de papel sahida das algibeiras de s. exc.ª, trescalava a isca eleitoral, segundo o parecer e ventas do nosso informador. S. exc.ª perdeu um magnifico trabalho, por que os illustrados artistas de S. Victor acharam que a camara actual já não tinha tempo de satisfazer ao seu pedido, quando o fosse, e que se a fonte era de necessidade não precisava o sr. presidente das suas assignaturas, podendo propor á camara aquella obra. Isto é o que nos dizem; e a ser assim, foi infeliz o sr. conselheiro. Não terá s. exc.ª e os seus collegas que allegar a favor da sua reeleição?

Assim o parece, e é que assim o é.

**Exemplo á futura camara.**—A camara actual que promove a todo o transe a sua reeleição, á excepção do vereador o sr. dr. Queiroz, sabendo que era arguida de não curar da limpeza da cidade, acaba de tomar uma resolução digna de mencionar-se, e é ella ter encarregado os porcos de fazer essa limpeza durante a noite. Hontem proximo da casa do theatro, encontramos nós, seriam 11 horas da noite, seis destes animaes, azafamados na sua tarefa; e ficamos estaticos de ver a previdencia e economia da camara! Só por a descoberta que acaba de ensaiar qual a de fazer dos porcos, varredores, é ella digna da reeleição!

**Ao Districto, jornal.**—Convidamos o auctor do artigo principal do

jornal de sabbado 11, a declarar por nome ou nomes e de forma cathorica, sem tergiversação, a quem foi que a auctoridade prometteu a isenção dos filhos, dos creados e dos amigos, para qualquer fim que fosse. Não o fazendo clara e expressamente, seguir-se-ha a conclusão logica de que calumnia, e o que calumnia, é calumniador!

**Ao mesmo.**—Convidamos o Districto a prestar um bom serviço ao paiz, fazendo saber á auctoridade onde é que param os refractarios de que mostra estar tão sabedor. Não o fazendo permitir-nos-ha dizer-lhe que falta á verdade. Nunca em tempo algum o serviço do recrutamento esteve mais regular, e bastará dizer-lhe que foi preenchido e satisfeito o contingente que tocou ao concelho de Braga, pelo anno de 1862, e não consta que nenhum dos outros o fosse.

**De desengrçado tem graça**—Entre muitos outros disparates que por propalam os agentes da opposição, e com que pretendem fazer reeleger os vereadores da camara actual, referiremos os seguintes: que a nova camara que os amigos da situação pertendem eleger, sendo composta na sua maior parte de homens abonados e independentes, descurarão os interesses dos pobres, e farão lançar novos e mais pesados tributos!!

Que esses tributos recairão sobre a portagem dos carros, so re a carne, e sobre os generos alimenticios que concorrerem ao mercado desta cidade!

Tem isto resposta? Como disparate não a tem: como refinada má fé, como perfeita burla tambem á innocencia do bom povo desta terra, tem-a, e é a seguinte: é tal a independencia dos cavalheiros que os amigos da prosperidade desta terra pretendem fazer eleger, que não tendes nada que oppor ao seu bom nome, e á sua reputação. É a sua politica tão d'accordo com a ordem e respeito ás leis, que não existe um unico facto que em verdade e á luz da imprensa vos atreveis a condemnar.

Se porém para ser eleito camarista é preciso ter diversas caras, ter a propriedade do cameleão; se para administrar os rendimentos do municipio é necessario lá metter algum parente e dobrar-lhe o ordenado; se para ser camarista da terceira cidade do reino é necessario conspirar contra a ordem publica e contra a dynastia, certamente que os cavalheiros indicados pelos amigos da situação, não são competententes.

Se porém para ser camarista da cidade de Braga se exige uma reputação sem mancha, illustração sufficiente; e se se exige uma fortuna razoavel com a qual se possa viver, podendo assim curar dos interesses do municipio, empregando o seu tempo em beneficio publico, tudo se acha reunido na lista que a opposição combate, e por cujo motivo a guerra.

**Comissão de negociantes.**—A lista, que publicamos no penultimo n.º dos snrs. que fazem parte d'esta comissão, temos mais a acrescentar os seguintes snrs:

João Luiz Pipa.  
Domingos Antonio Rodrigues de Carvalho.

Fortunato Ribeiro Machado Guimarães.

Ignacio José da Silva.  
José Vicente Alves da Motta.

Manoel Joaquim de Castro Loureiro.  
José Fernandes Guimarães.

Antonio José de Oliveira Machado.  
**Supplemento. O Diário Mercantil**  
publicou o seguinte: «O sr. Mendes Leal  
parte para o norte na segunda feira. SS MM  
com o sr. Braamcamp, sahém na quarta.

Chegou do Brasil o paquete francez «Be-  
arn», vindo n'elle o sr. Nozareth.

As noticias do Rio de Janeiro são até 24  
d'outubro.

No incendio da Trapiche da alfandega,  
denominada Bastos, sito n.º 1 Penha, onde existiam  
28.421 volumes de diversas mercadorias,  
não se salvou nem a décima parte. O prejuizo  
é calculado em 1:200 contos de reis.

Dizem as cartas, que o sr. Nazareth  
partia para Portugal, coberto de gloria. Em  
honra d'elle vão os operarios, sem trabalho,  
do Porto receber mais beneficios.

Entraram no Rio, durante a quinzena,  
cinco carregamentos de vinho do Mediterraneo.  
O mercado está desanimado. Preços froixos.

O café está com uma pequena baixa de  
150 reis por arroba. Venderam-se durante  
a quinzena, 50,000 saccas, a 63500 a 73500  
a arroba, sendo para a Europa 28310, para  
Lisboa pelo brigue inglez Wooltan a ordem  
3.500 saccas, para o Porto na barca Silencio  
935. Ambos estes navios sahiram a 21 d'ou-  
tubro.

Ficam despachadas para o Porto 376 sac-  
cas. O mercado desanimado.

Assucar — poucas vendas, os depositos  
supridos, estado froixo, preços irregulares.

Cambios — sommam os saques pelo Bearn  
sobre Londres libras 350,000, 27 3/8 27 1/2  
27 5/8.

Sobre França dois milhões de francos.  
343 a 345.

Sobre Hamburgo 250 mil m. b. 646.

Portugal, regulares, 99 a 103 por cento.  
Entraram de Lisboa, a galera Palmela,  
e os brigues Assombro, Feliz Mefalda. Do  
Porto a barca Monteiro.

Sahiram para Lisboa o brigue inglez  
Wooltan e para o Porto, por Lisboa, a bar-  
ca Silencio.

## CORRESPONDENCIAS

Sr. redactor

Quando, por me avisarem, li um comu-  
nicado, que me dizia respeito, inserto no  
numero 125 do jornal, *Districto de Braga*,  
imediatamente conjecturei, que tão frivola e  
infundada arguição, não era nem podia ser  
senão uma provocação para outra questão,  
por que nem reparei no oratorio a que allude  
o communicado, nem tão pouco sabia das po-  
lenicas havidas a tal respeito.

O que então conjecturei, acho-o hoje  
convertido em facto, á vista do ultimo nume-  
ro do *Districto de Braga*, em que vem pu-  
blicada uma correspondencia que mais dire-  
tamente me diz respeito.

O objecto da correspondencia é exacta-  
mente a questão, que eu esperava — é o ce-  
lebre e decantado alambique do sr. Maya em  
concurso permanente e ridiculo com o fabri-  
cado pelo sr. Francisco José Rodrigues  
(Mordica)!

Diz-se na correspondencia, a que alludo,  
que o sr. Maia mandara para a exposição um  
alambique, por alguém lembrar a convenien-  
cia de se exhibir um destes aparelhos.

Dando o devido credito a esta circumstan-  
cia, não posso deixar de fazer outro tanto ao  
sr. Francisco José Rodrigues (Mordica) que me  
disse ter-se comprometido tambem a apresentar  
na exposição um alambique (que trazia já para  
me mostrar) melhor do que o apresentado  
pelo sr. Maya, e que por isso me consultava,  
para lhe diser francamente, qual dos dous  
alambiques estava melhor.

Eu que ainda não tinha attentado no alam-  
bique do sr. Maia, fui logo perto da noite  
(d'uma só noite e não muitas noites nem ás  
9 horas, como se diz na correspondencia) de  
conjuncto com o meu amigo o sr. Rodrigues  
(Mordica) ver o alambique d'aquelle sr., em  
que peguei para bem examinar (mas não tirar  
moldes nem medidas). Em seguida retirei-me  
para casa e disse ao sr. Rodrigues que o seu  
alambique estava melhor acabado. Lembran-  
do-me, ainda que confusamente de que al-  
gures tinha visto um alambique que muito se  
parecia com o exposto pelo sr. Maya; abri os  
Elementos de Pharmacia do sr. Cordeiro (não  
me foi necessario ler e reler) e n'elles deparei  
com o modelo do alambique em questão, e vi,  
que a unica differença existente entre o alam-

bique do sr. Maya e o exemplar apresenta-  
do pelo sr. Cordeiro, era o d'aquelle terota-  
bo de despejo do refrigerante no rimo, e não a  
torneira.

Tal mudança melhor merece o epitheto  
de estrago do que de modificação.

Em vista da ignaldade de numero de  
peças dos dous alambiques, e por serem am-  
bos tirados do mesmo modelo o sr. Rodrigue-  
s ficando pouco contente, pediu-me se lhe  
lembrava alguma cousa para mais aperfeiço-  
ar o seu alambique. Condescendi lembrando-  
lhe o aperfeiçoamento que todos tiveram oc-  
casião de ver durante a exposição.

Qual dos dous alambiques era melhor  
diciam-no as pessoas de senso. Pena foi  
que o alambique apparecesse tão tarde (ao  
que deu causa o encommodo proveniente de  
uma queimadura que teve o meu amigo o sr.  
Francisco Rodrigues Mordica) porque então não  
se fazia tanta bulha sob o pretexto do alam-  
bique d'este ter apparecido tão tarde, e as at-  
tenções mais depressa teriam abandonado o  
alambique do sr. Maya.

Demais o sr. Rodrigues já tem feito  
muitos alambiques como o exposto pelo sr.  
Maya, segundo elle a todos diz e disse na pre-  
sença de pessoas as mais competentes e res-  
peitaveis.

Se o sr. conselheiro Ribeiro de Sá, que  
tanto nobilitou pela imprensa a exposição,  
tivesse visto o alambique do sr. Rodrigues  
Mordica de certo deixaria de fallar no do  
sr. Maya para se occupar d'aquelle: e se  
elle soubesse do certame havido entre os  
expositores d'alambiques com maior jubilo  
bateria as palmas por ver já realizadas as  
vantagens da exposição que elle augurou do  
maior incremento para este districto.

Tenho dito e direi sempre que o alam-  
bique é do sr. Mordica, porque cedi tacita-  
mente ao distincto artista tudo quanto em  
abono do alambique lhe aconselhei. É ver-  
dade que os acrescimos por mim aconselhados  
são taxados de *garatuja*; mas não admira  
que tal qualificação seja dada por um indivi-  
duo que declara não entender nada d'alam-  
biques. Fallar sem saber é que é uma ver-  
dadeira *garatua*.

Em vista da curta mas verdadeira historia  
que deixo narrada, julgo achar-me já habilita-  
do para fazer algumas perguntas que terão a  
vantagem de servir de resposta ás que me fo-  
ram dirigidas.

Diga-me o auctor da correspondencia.

Será furto fazer um alambique igual a ou-  
tros muitos e a um que appareceu na expo-  
sição, que não é invento, privilegio de custo  
ou de introdução?

Mas não será furto expor-se um alambique  
como modificado pelo expositor, não sendo este  
senão estragador de taes alambiques?

O sr. Maya valeu-se fortuitamente, para  
escapar a esta censura, do distico que tinha  
posto no alambique que era o seguinte:

**Alambique de Baumé modifi-**  
**cado sob a direcção do ex-**  
**positor A. A. Pereira Maya.**

O tal e construido sahii d'um apuro de consi-  
ciencia do auctor da correspondencia, que pô-  
de ficar sabendo, que todos os pharmaceuticos  
dão aos artistas as devidas prescripções, quan-  
do mandam fazer algum alambique, dirigin-  
do por este facto a construção dos alambi-  
ques.

E' por tanto muito futil e evasiva do dis-  
tico, ainda depois d'uma 2.ª e 3.ª edição  
correcta e augmentada.

Mas vamos a mais perguntas. Seria uma  
acção infame, ir ver e examinar, junto á noite  
a horas que ainda estava muita gente na ex-  
posição, o alambique do sr. Maya para melhor  
poder dar o meu parecer ao meu amigo o  
sr. Mordica, e aconselhar-lhe alguns melhora-  
mentos para melhor sobresair o seu alambique?

Seria infame prestar um favor ao sr. Mor-  
dica, que é meu amigo, como mesmo o escre-  
ve o auctor da correspondencia?

Dir-se-ha, que andou de má fé ou por  
ignorancia quem serviu de boa fé um amigo,  
obrou com conhecimento de causa e fez, pelos  
meios ao seu alcance, augmentar a concor-  
rencia dos alambiques á exposição?

Agora a respeito de exposição, é que o  
auctor da correspondencia me parece ainda  
mais herege do que a respeito d'alambiques.

Não será talvez a maior vantagem das  
exposições a vulgarisação de certas machinas,  
instrumentos e utensilios, e poder-se tomar  
nota ou para se introduzirem ou para se mo-  
dificar? Pois não vé esta obvia vantagem?

Não vé que se ninguem podesse fazer ca-

puças senão o que fez a primeira ou os seus  
herdeiros, tinha de comprar a sua muito cara?

Pois o auctor da correspondencia quer  
vincular n'um paiz onde morreram os vinculos?

Quer agora tambem saber quaes são os  
objectos que se respeitam nas exposições? São  
aquelles que tem uma legenda prohibindo  
que se lhes toque: mas note que se não pôde  
estorvar pessoa alguma de ver os objectos  
expostos, nem por escripto, nem por palavras,  
ainda mesmo que o visitante olhe um milhar  
de vezes para um objecto: quem quer guar-  
dar o segredo dos seus objectos não os manda  
às exposições.

Quer saber mais, quando é que se pôde  
impedir um individuo de fabricar uma ma-  
china, instrumento etc. igual a outro? E  
quando o auctor, fabricante, introductor de ma-  
chinas d'alto prego tem o direito de reserva  
legalmente concedida.

Fique pois sabendo, que a exposição de  
Braga foi regulada pelos costumes das ou-  
tras exposições e que não foi uma cousa ana-  
chronica ou algum aborto disparatado destas:  
foi uma exposição que se pôde pôr a par das  
melhores que tem havido no paiz e que hon-  
ra o seu auctor e o governo, que a auxiliou e  
aos que para ella concorreram com os seus  
serviços e productos.

Diz-se tambem, que o dever que cumpri  
em ir ver o alambique do sr. Maya é o pri-  
meiro escandalo praticado nas exposições de  
Portugal e talvez de todo o mundo!!!... Isso  
é que é ser ainda mais experto do que ser  
testimunha da minha pouca habilidade, da mi-  
nha inveja e aturada leitura para mandar fa-  
zer um alambique!

Que fosse veros livros que eu lia e relia  
em casa não admira; mas que fosse saber de  
todas as exposições do mundo, isso é miracu-  
loso! É fazer mais do que Santo Antonio!! Ora  
seja mais respeitador da exposição, não lhe at-  
tribuindo abusos só existentes n'uma cabeça  
abandonada pelo senso commum.

Vamos a mais perguntas. Qual a razão por  
que me havia de morder de inveja pelo sr.  
Maya apresentar um alambique? seria pelo re-  
ceio d'elle ficar melhor contemplado do que  
eu pelo grande jury? Qual a razão porque me  
aleunham d'acerrimo inimigo dos meus col-  
legas?

Como se diz na correspondencia, o sr. Ro-  
drigues Mordica é meu amigo, e como tal te-  
nho deveres a cumprir para com elle, deven-  
do por isso preferir-o ao sr. Maya de quem  
não sou completamente collega porque não  
me intitulo *chefe*, *ouante* *nem pharmaceutico*  
*formado* como originalmente se intitula,  
*e nem sei que mais*: sou simplesmente phar-  
maceutico da antiga escola, mas examinado  
e legalmente habilitado pelos mesmos profes-  
sores que o sr. Maya, podendo ser uma vi-  
gesima fracção de collega do sr. Maya (!) ou  
ainda menos se quizer.

Assim classificado, os meus deveres de col-  
lega para com o sr. Maya ficam tambem  
reduzidos a 1/20 (que, por outras razões  
que não quero apontar, desde ha muito se  
acham reduzidos a zero) não podendo, por  
esta razão, pessoa alguma qualificar-me de  
mãe collega do sr. Maya e muito menos  
d'acerrimo inimigo dos meus collegas, de cu-  
ja estima goso com prazer indisivel e mais do  
que o sr. Maya.

Se o auctor da tal correspondencia fosse  
mais prudente e muito menos insultante não  
daria azos a que fallasse tanto no sr. Maya,  
que talvez não fique muito contente do que se  
tem dito a respeito do seu celebre alambique.  
Melhor seria que se revestisse d'outras in-  
tenções e em logar de me insultar, e des-  
mantelar o sr. Maya, se encarrigasse de fa-  
zer *garatuja* cartuchos, bocetas e caixinhas  
para a botica do sr. Maya, para que de  
certo hade ter mais habilidade do que para  
fallar em alambiques, a cujas peças acces-  
sorias e uteis chama, por ignorancia de ser-  
viço e termos, *garatuja*: deixe-se tambem de  
fallar em exposições de todo o mundo pois  
que prova de mais, que nem comprehendeu  
sequer a que teve logar entre nós: e em vez  
de fallar das exposições continue a fazer cor-  
respondencias patheticas sobre furtos d'alam-  
biques e panegyricos sobre o *chefe d'obra do*  
*dr. pharmacopola* e continue com as suas  
verrinas e diatribes, e a ser mais energi-  
co em desconceituar-me perante a opinião pu-  
blica para mais depressa applicar ao meu cre-  
dito o ultimo *requiescat in pace*.

Por ultimo cabe-me dizer em abono do  
sr. Maya, que tudo quanto appareceu na expo-  
sição, foi o seu alambique que deu resultados

mais promptos, produziu o maior estimulo, es-  
timulo tão ardente que immediatamente appa-  
receu outro alambique. Foi pois o alambique  
do sr. Maya que encetou as vantagens da ex-  
posição! As outras machinas e instrumentos  
hão-de produzir os seus effeitos com mais  
morosidade. As immensas variedades de rai-  
zes, tuberculos, sementes, cereaes, e legu-  
mes, não esquecendo até o fradinho tem de  
fazer ainda quarentena e esperar-se depois pelo  
seu porte e vantagens para a economia rural.

Apezar porem destas gigantesca vanta-  
gens(!), sinto que tanta bulha se fizesse e tanta  
poeira se levantasse, tudo por via de que?...  
Porvia de... de... de um alambique!!!

Bom será que o sr. Maya apague esta  
poeira não permitindo nem a testemunhas, nem  
aos seus mais intimos amigos que fallarem mais  
no alambique, e muito menos escrevam a tal  
respeito, retirando d'uma vez para sempre da  
*exposição permanente ridicula em que se acha*  
*supplantado* pelo do sr. Rodrigues Mordica.

Isto lhe pede para seu melhor conceito  
e por todas as intervenções possiveis o seu  
collega na vigesima fracção.

Thomé de Souza Pereira Veiga.

Sr. redactor.

No jornal o *Districto* n.º 127, de sab-  
bado ultimo vem uma local sob o titulo *pre-  
mios da exposição*, na qual o noticiario  
quer fazer acreditar, que se os artistas bra-  
carenses foram considerados, o devem quasi  
sómente á opposição; e tanto assim que na  
secção 12 cujos membros eram governamen-  
taes foram por elles desconsiderados nas suas  
propostas.

Isto diz o *Districto*, sr. redactor, e dil-o  
muito expressamente para fazer effeito entre  
os artistas, por estar á porta a eleição da cama-  
ra municipal.

Quer dizer que não só fez politica com os  
premios distribuidos, cuja concessão se quer  
arrogar; mas quer tambem fazel-a com os  
descontentes por não terem sido considerados.  
Eu, sr. Redactor sou dos descontentes; mas  
não me queixo dos membros da secção 12,  
nem mesmo se fui ou não proposto; do que  
me queixo porem he que se fizesse politica por  
parte da gente da opposição na distribuição  
dos premios como o *Districto*, negando-o, muito  
bem o dá a entender, pois dizendo elle que se  
os artistas bracarenses foram considerados, de-  
vem-n'o quasi sómente á opposição; e porque a  
opposição era a maioria do jury — e sendo  
ella a maioria — foi ella que *diu* — e se  
agora lançar ás costas da minoria o que ella  
maioria fez.

Os membros do jury, sr. Redactor, ti-  
nham obrigação de examinar, não só os  
objectos propostos para premio pelas secções,  
mas o mais que se expoz, quando não; seria  
inutil o jury — se era sómente para dizer *amen*  
ao que as secções propossem e por isso  
repto não me queixo dos snrs. da secção 12:  
queixo-me porem da maioria do jury; e essa  
maioria era gente da opposição, visto o que diz  
o *Districto*.

O que eu creio, sr. redactor, é que o  
Ex.º Sr. Governador Civil, escolhendo pa-  
ro tomarem parte na distribuição da exposição  
individuos reconhecidamente inimigos do go-  
verno actual, talvez com o louvavel fim de  
afastar de uma festa patriótica e só a bene-  
ficio do povo a maldita politica, ainda assim  
se enganou, porque essa gente alli mesmo  
foi fazer politica como muitos dos seus a fa-  
zem até no pulpito e no confessorio.

Agora, sr. redactor, deixe-me dizer-lhe o  
que me levou a escrever estas linhas e é o  
seguinte: os artistas e todos os habitantes do  
districto de Braga, ainda não tiveram gover-  
nador civil nem secretario a quem devessem,  
mais gratidão, e por isso, e porque elles não são  
responsaveis por o que fez o jury nas snas  
votações, e por que o seu desejo era consi-  
derar a todos, assim como animarão a todos,  
heide votar para a camara municipal em ho-  
mens que eu saiba que vão apoiar e auxi-  
liar aquellas autoridades: pois para mim já  
não pegam as bichas da opposição, nós te-  
mos a certeza e temos já prova patente de  
que o sr. Governador Civil quer o nosso  
bem, e por isso devemos-lhe auxilio, e co-  
mo o sr. Montariol e o sr. Antonio Feio  
queiram só pôr estorvos a esta auctoridade,  
como o sr. conselheiro governador, eu ca-  
digo-lhe que já me não illudem, e os meus  
collegas hão de fazer o mesmo.

Por estas linhas no seu jornal, se as pu-  
blicar, muito obrigado lhe hade ficar

Um artista desenganado

